

## **SAPERE AUDE! CORAGEM, POIS, PARA O SALTO**

**Fábio Galera - UFRJ<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

A reflexão que aqui se propõe pretende relacionar alguns dos questionamentos apresentados em *Introdução à Metafísica*, de Martin Heidegger, e alguns dos questionamentos apresentados no artigo *Resposta a pergunta: O que é o Esclarecimento?*, de Immanuel Kant. O objetivo central do trabalho será comparar o conceito de Salto (der Sprung) e o conceito de Esclarecimento (die Aufklärung), respectivamente em Heidegger e em Kant, para identificar minimamente as propostas filosóficas, relativas ao sentido existencial do filosofar e à liberdade da atividade de pensar.

Palavras-chave: der Sprung; salto; die Aufklärung; esclarecimento; liberdade.

### **ABSTRACT**

The reflection that is considered here intends to relate some of the questionings presented in *Introduction to Metaphysics*, of Martin Heidegger, and some of the questionings presented in the article *Answering the Question: What Is Enlightenment?*, of Immanuel Kant. The central objective of the work will be to compare the concept of Jump (der Sprung) and the concept of Enlightenment (die Aufklärung), respectively in Heidegger and in Kant, to identify minimum the philosophical, relative proposals to the existential direction of thinking and to the freedom of the activity to think.

Keywords: der Sprung; jump; die Aufklärung; enlightenment; freedom.

Completamente fora do ordinário, a investigação em si mesma se apoia por completo, própria e livremente no fundo misterioso da liberdade, naquilo que chamávamos há pouco o salto. (HEIDEGGER. 1987. p. 43)

O curso de nossas reflexões possui a meta de promover um encontro. Mas não como aqueles encontros que se apresentam marcados, planejados, em que de algum modo as coisas já se encontram previamente elaboradas, e tudo o que ocorre a partir daí, do encontro, mostra-se de algum modo previsto. Assumir este fato é já assumir o vigor do encontro em si mesmo como um acontecimento fundamental. Isto porque todo encontro guarda em sua essência, inevitavelmente, um certo grau de imprevisibilidade. Em nosso caso, propor uma aproximação entre o pensamento de Martin Heidegger e o pensamento de Immanuel Kant é, no mínimo, promover um encontro desconcertante. Desconcertante não porque haja alguma inconveniência ou indiferença nesse encontro possível, mas sim porque se faz necessário concentrar e convergir num ponto de reflexão a potência de pensamento de ambos os filósofos.

Um encontro dessa monta exigiria, em se tratando dessas duas grandes forças de pensamento histórico, necessariamente, algumas prévias considerações que fariam jus a toda e qualquer reflexão filosófica um pouco mais sistemática. Porém, aqui não está em jogo o cumprimento dos protocolos acadêmicos, ou meras articulações que visariam promover uma decisão favorável ou contrária aos conceitos que aqui serão discutidos, elegendo um mais relevante do que o outro. Em seu tempo, Kant estava integralmente confiado à missão de corresponder a sua destinação histórica: *a afirmação do iluminismo* (die Aufklärung). Assim como Heidegger se encontrava empenhado em promover uma re-visão e re-colocação da pergunta fundamental pelo sentido do ser, que deveria orientar toda investigação filosófica. O que está de fato em jogo nesta reunião descobridora é a tentativa de promover uma aproximação despreocupada.

Todavia, o impulso que move o encontrar desse encontro deve saber minimamente o que busca, para que seja viável encontrar mais claramente, o que se dará ao encontrar. De início, para determinar o encontro em questão como confluência e não como choque de interesses, diríamos que parece haver entre ambos uma preocupação comum: *trazer o homem ao cerne de onde emana toda força de toda questão fundamental, que é, necessariamente, o pensar*. Esta atividade, que mais se traduz por um *deixar acontecer*, do que propriamente por um *agir*, é que irá consagrar esta nossa reunião. Portanto, preocupemo-nos em restituir-nos ao vigor do pensar propriamente a questão fundamental em ambos pensadores; isto é que se mostra como tarefa agora. Façamos, pois, a tentativa de visualizar como, em cada um dos pensadores, será possível repetir o desafio de pensar.

O que irá mover propriamente nossos passos, pois, será uma tentativa de pôr em pauta de discussão *o sentido existencial da atividade de pensar*. Obviamente, muito já foi falado sobre o sentido da palavra filosofia, bem como sobre o que é isto o filosofar. Infelizmente não irá caber nestas breves reflexões um levantamento histórico da discussão. O que é pretendido, neste momento é justamente trazer a tona uma leitura que busque aproximar o *sentido existencial do pensar* em Heidegger e em Kant. Essa aproximação será dirigida basicamente por dois textos: o capítulo *A Questão Fundamental da Metafísica*, constante da *Introdução à Metafísica*, preleção proferida por Heidegger em 1935, na Universidade de Freiburg<sup>2</sup>; e o pequeno artigo de Kant *Em Resposta à Pergunta: O que é o Esclarecimento?*<sup>3</sup>.

### **Um sentido no pensar de Heidegger**

O que seja pensar para Heidegger é delineado logo nos primeiros parágrafos do texto em questão. Primeiramente, para que seja possível tematizar devidamente o filosofar, é necessário entender sua referencia ao tempo. A filosofia trabalha numa relação com o seu tempo. “Toda questão essencial da filosofia”, diz Heidegger, “acha-se necessariamente fora de seu

tempo”<sup>4</sup>, ou porque é projetada para além do que é a atualidade ou porque conduz a atualidade “a seu passado-presente originário”<sup>5</sup>. Assim, “o filosofar é e permanecerá sempre um saber, que não só não se deixa moldar pela medida do tempo, mas ainda submete o tempo à sua própria medida”<sup>6</sup>.

Este descompasso, que poderia ser afirmado como necessário entre a filosofia e o seu tempo, é o que a torna imediatamente autônoma em relação às pressões imediatistas da história, que costuma atribuir e estender sua razão utilitária para todas as regiões do saber, inclusive para a filosofia. Assim, o descompasso é para a filosofia a oportunidade de se desprender das amarras utilitárias da história. É neste instante que a filosofia ganha força: “o que é inútil, pode ser, e justamente o inútil, uma força”<sup>7</sup>. Por isso, a “filosofia é uma das poucas necessidades autônomas, criadoras e, às vezes, necessárias da existência Histórica do homem”<sup>8</sup>.

Mas esse desvencilhar e resguardo da autonomia criadora, conforme menciona Heidegger, não se dá sem uma luta, que pode ser traduzida por *incompreensões* fundamentais sobre a filosofia. Para compreendermos devidamente sua caracterização geral, proposta neste trabalho, importa citá-las. Segundo Heidegger, a primeira incompreensão diz respeito a uma *sobrecarga na essencialização da filosofia*, a segunda trata da *distorção do sentido do seu esforço*. Ambas estão intimamente relacionadas.

A primeira incompreensão é pensada segundo a esperança de que a filosofia proporcionaria a base sobre a qual se poderia construir a cultura de um povo, pensando na filosofia como instrumento de revolução. Heidegger demonstra que essa incompreensão sobre a real essencialização da filosofia decorre de uma expectativa depositada na filosofia, e que excede o seu âmbito. Essa expectativa de que estendendo o campo de domínio e assim de recepção da filosofia, instruindo o povo, tornando a filosofia um saber comum, seria possível promover uma renovação e revolução histórica e social.

Mas o que ocorre na prática é a retirada da filosofia de seu âmbito próprio e originário para torná-la algo banal e sem importância. A filosofia, na verdade, “jamais poderá proporcionar *imediatamente* as forças nem tampouco criar os modos de agir e as ocasiões, que conduzem à determinada situação Histórica”<sup>9</sup>. Situação essa desejada e ideologicamente planejada. Pensando em seu caráter próprio de autonomia, a essencialização/manifestação da filosofia deve ser orientada a partir de outro sentido:

qual seja, a manifestação pelo pensamento dos caminhos e das perspectivas de um saber, que instaure critérios e hierarquias. Fundado nesse saber e a partir dele um povo concebe e realiza plenamente a sua existência no mundo Histórico do espírito. Trata-se daquele saber, que acende, ameaça e impele toda investigação e avaliação.<sup>10</sup>

Recolocar a filosofia em seu âmbito próprio é justamente devolvê-la a esta dimensão que propõe a investigação e o saber segundo uma perspectiva de fundação originária e inaugural do saber. Isto exigirá o reconhecimento de que essa fundação não se dá em consonância com os interesses e os modos de essencialização das massas sociais, “pela simples razão de [a filosofia] concernir de modo imediato apenas a uma minoria. Que minoria? A minoria daqueles, que criando transformam, [a filosofia concerne] à minoria dos revolucionários”<sup>11</sup><sup>12</sup>.

A segunda incompreensão, que necessariamente encontra-se atrelada à primeira, decorre do que Heidegger chama distorção do sentido de um certo *esforço filosófico*. Entenda-se por esforço filosófico a capacidade da filosofia provocar e desencadear transformações. Já que não é possível confiar a filosofia à fundação da cultura, “poderá, ao invés, assim se pensa, contribuir para facilitar-lhe a construção”<sup>13</sup>. Com isso poderia ser esperado da filosofia, ao menos, “o fomento e até mesmo uma aceleração do dinamismo técnico-prático da cultura no sentido de uma facilitação”<sup>14</sup>. A este dinamismo, mencionado por Heidegger em favor da cultura, talvez seja possível associar com mais clareza a convicção instrumental da educação.

Heidegger irá se referir particularmente a este respeito, segundo uma aplicação prática da filosofia, à dimensão da educação filosófica formal, tendo como personagem central o professor de filosofia. A filosofia seguindo o sentido didático e formativo deixaria de ser filosofia para ingressar no campo da *ciência filosófica*. O que não passa de sistematização do que já foi pensado, e de certa maneira, acaba negando a possibilidade do pensar originário.

Ao contrário de tudo isso, deve-se pensar a filosofia fora desse fundo, noutra patamar, segundo uma medida mais essencial. A incompreensão do sentido existencial do filosofar parece tomá-lo a partir do mundo da técnica: tudo é *para* algo; há, declarado ou não, o filosofar segundo um princípio de causalidade; a totalidade da manifestação filosófica, sua essencialização, é regida por uma intenção determinada, em que se deve ter em mente ponto de chegada e ponto de partida. Esse grau de compreensão da filosofia a torna muito simplista, como se a filosofia fosse objeto de uma política pública, ou que estivesse a serviço de uma tecnologia de produção (cultural).

Heidegger sintetiza de modo grandioso o verdadeiro sentido e função da filosofia, quando afirma o seu *agravamento*, no seguinte trecho:

Ora bem, - a filosofia, por Essencialização, nunca torna as coisas mais fáceis senão apenas graves. E isto não lhe é acidental, devido ao fato de seu modo de comunicabilidade parecer estranho e mesmo deslocado à compreensão vulgar. *Pois o agravamento da existência Histórica e com isso no fundo do Ser simplesmente constitui o sentido autêntico de seu esforço. Esse agravamento restitui às coisas, ao ente, o seu peso (o Ser)*. E por quê? Porque tal agravamento é uma das condições essenciais e fundamentais para o nascimento de tudo que é grandioso, em cujo número encontramos antes de tudo o destino e as obras de um povo Histórico. Ora, destino só há, quando a existência se acha dominada por um verdadeiro saber acerca das coisas e é a filosofia que desbrava os caminhos e abre os horizontes para consegui-lo.<sup>15</sup>

Esse agravamento da filosofia, do filosofar, está bem longe de ter o sentido de tornar sério o modo de dizer filosófico. Não é sobre o modo de dizer que se está em questão neste momento. O agravamento (*die Erschwerung*)

referido por Heidegger, nota-se, que nada tem que ver com uma deliberação por dificultar ou complicar. No entanto esse agravamento acaba gerando, por impulso de oposição, o seu lado oposto que pretende tudo tornar didático: a filosofia torna-se um saber didatizável. O agravamento da filosofia, em consequência desta compreensão, simplesmente perde sua elevação natural.

Não obstante esta nossa dificuldade histórica que acaba por empurrar a filosofia para esse fundo, Heidegger nos encaminha para a reflexão que irá promover o agravamento e elevação da filosofia, desde o início de suas reflexões. Ele nos convida a refletir sobre uma questão inicial e de fundamental importância: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada”<sup>16</sup>. Segundo Heidegger, esta questão origina o fundamento de toda questão essencialmente filosófica, porque é uma verdadeira questão. Além disso, ela está sempre presente na investigação verdadeiramente filosófica: ela é “a questão de todas as questões verdadeiras, isto é, das que se põem a si mesmas em questão. É a questão que sempre é investigada quer cõscia quer inconscientemente, em toda questão.”<sup>17</sup>.

Heidegger afirma esta questão, “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada”<sup>18</sup>, como fundamental, esta é a questão das questões que deve primeiramente ser pensada e posta como princípio de qualquer investigação para que haja filosofia; a primeira em dignidade, que irá orientar toda e qualquer investigação que se pretenda originária e essencialmente filosófica: “A questão, “por que há simplesmente o ente e não antes o nada?” se constitui para nós na primeira em dignidade antes de tudo por ser a mais vasta, depois por ser a mais profunda e afinal por ser a mais originária das questões.”<sup>19</sup>.

Heidegger trata destes qualificativos (amplitude, profundidade e originariedade) da questão fundamental nos parágrafos iniciais do capítulo. A *amplitude* da questão, diz Heidegger, decorre do fato de não deter-se sob nenhum domínio específico, mas tratar de todo o ente em sua totalidade, inclusive do nada, segundo uma compreensão especial. Sua *profundidade*

decorre do fato de, em se questionar o *por quê?*, a questão fundamental perguntar pelo fundo sobre o qual é fundado o ente investigado, ela busca pôr às claras o fundo da investigação. Mas fica em aberto se o ente estará assentado em um fundamento *originário* (Ur-grund), em um fundamento *abissal* (Ab-grund) ou em um fundamento *aparente* (Um-grund). Já a *originariedade* (ursprünglichste) da questão sobrevém por não se privilegiar nenhum ente especificamente, e principalmente o ente que é o homem; isto a torna originária. São estes qualificativos (amplitude, profundidade e originariedade) que irão conceder à questão fundamental enunciada, seu estatuto de primazia e dignidade diante de toda e qualquer pergunta, para que seja encaminhada uma investigação essencialmente filosófica<sup>20</sup>.

Tendo em vista tudo o que foi relacionado até aqui, o que irá oferecer os recursos necessários para, em alguma medida, fomentar a elevação da filosofia ao seu âmbito próprio, resguardando o seu estatuto de originariedade, conduzindo a atividade filosófica para longe de suas incompreensões históricas? O que irá causar essencialmente a destinação de um povo histórico para o seu destino fundamental e originário? O que é que poderá alavancar a densidade histórica de um tempo em que vigora a apatia filosófica, para fazê-la passar à sua alvorada? Justa e simplesmente o salto da questão filosófica.

O fundamento da questão, “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada”<sup>21</sup>, seu fundo, repousa justamente na origem (*Ursprung*), no salto originário da filosofia (*Ur-sprung*): a investigação dessa questão “ou se concretiza no salto e como salto ou não se realiza nunca.”<sup>22</sup> Saltar implica deixar “para trás toda e qualquer segurança da existência seja verdadeira ou presumida”<sup>23</sup>. A procedência da questão fundamental, que é ela mesma o princípio da filosofia possui esta procedência, na origem (*Ursprung*).

A palavra *Ursprung* é constituída por duas palavras: *Ur* e *Sprung*. A palavra *ur* é empregada geralmente como adjetivo e pretende qualificar aquilo que é antigo, temporalmente remoto, o que possui caráter de remoto, distante

no tempo, originário. *Der Sprung* é um substantivo e significa salto ou pulo. Este substantivo possui sua forma verbal em *springen*, que significa saltar e pular. Assim, a questão fundamental repousa e se agita definitivamente no salto originário.

Não obstante a gravidade do que se põe em discussão, estaria aqui o pensamento desenvolvendo apenas um mero jogo de palavras e escusando o pensamento de pensar? O que é o salto, para que ele possa ser depositário desta confiança monumental? O que o garante desta originalidade histórica prometida?

Sobre o salto, é necessário considerar necessariamente ao menos dois pontos: *não se salta porque se deseja, nem tampouco é possível medi-lo*. Isto significa que a questão não se ganha por uma técnica ou filosofia qualquer. Deve haver aí uma conquista. Mas a conquista é apenas conquista de uma posição, aquela de onde se está desde sempre e sempre se esteve: na abertura do promovida pelo ser. A posição é o próprio posicionar-se: ou se está ou não se está na origem da questão. Ou se é ou não tomado pela questão. Não se pode por outro lado medir o salto, pois não existe medida nem relação de comparação neste âmbito. Diz Heidegger: “Entre ela [a questão] e o comum não há transição alguma, capaz de possibilitar uma familiarização com sua investigação. Por isso tem que ser, para dizê-lo assim, pro-posta de antemão”<sup>24</sup>.

Estas duas considerações decorrem explicitamente do caráter originário da questão fundamental. Quando se está posicionado pela questão, não há um privilégio do homem no questionar. O homem é simplesmente mais um ente: “Um elefante numa floresta virgem da Índia é tão bem um ente, quanto um fenômeno de combustão química no planeta Marte ou qualquer coisa outra”<sup>25</sup>. Assim, prossegue Heidegger, “devemos eliminar a preferência de qualquer ente em particular, inclusive a referência ao homem. [...] Dentro da totalidade

do ente não há razão para se privilegiar este ente que se chama homem e ao qual pertencemos por acaso”<sup>26</sup>.

Estas são, pois, de modo bastante reduzido, as reflexões que caracterizam e posicionam o sentido existencial do pensar propriamente filosófico para Heidegger, segundo o texto em pauta. Saltar, segundo este sentido, provoca muitas outras reflexões necessárias que, por ora, deverão ser preservadas de uma tematização explícita, mas que exigem ainda muito esforço ao pretender colocar a filosofia em seu âmbito.

### **Um sentido na pensar de Kant**

Como pensar hoje a pergunta e a resposta de Kant para a *Aufklärung*? Será que é possível pensar a questão da *Aufklärung* em nosso tempo? Esclarecimento ou Iluminismo. Duas possíveis traduções para a palavra alemã *Aufklärung*.<sup>27</sup> Escolher por uma ou outra não será tema de nossa discussão aqui, mas parece implicar num posicionamento, numa decisão. Apesar disso, o que se procurará pensar é em que medida a *Aufklärung* pode estar em sintonia com o que já discutimos até então sobre o caráter existencial da filosofia.

Iluminismo, segundo Abbagnano, é uma orientação filosófica que se caracteriza pelo empenho “em estender a razão como crítica e guia a todos os campos da experiência humana”<sup>28</sup>. O que certamente explicaria a posição do filósofo Immanuel Kant, filiando-o a esta corrente de pensamento, em que se propõe a reificação da razão, tornando-a guia das ações humanas.

Kant afirma, sobre o Esclarecimento:

*Esclarecimento (Aufklärung) significa a saída do homem de sua minoridade, pela qual ele próprio é responsável. A minoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma*

vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro. *Sapere aude!* Tenha a coragem de te servir de teu próprio entendimento, tal é portanto a divisa do Esclarecimento.<sup>29</sup>

Dentre muitas questões suscitadas apenas neste parágrafo introdutório, que de algum modo concentra tudo o que será exposto posteriormente, Kant deixa aparecer o que está no centro de suas reflexões: o homem. Tudo o que se diz neste pequeno artigo diz respeito, exclusivamente, ao homem. Esclarecimento, minoridade e maioridade (por extensão), responsabilidade, tutela e liberdade, entendimento, sabedoria, coragem e covardia são as principais *chaves* de compreensão de seu texto.

O que seja o esclarecimento encontra-se relacionado com todas estas ideias. Para Kant, o homem esclarecido é aquele que se encontra numa abertura de si mesmo, tal que lhe permita exercer a sua liberdade de refletir a partir de si mesmo. O homem esclarecido é aquele que passa a fazer uso de sua liberdade de pensar, o que em alguma medida apontaria para uma transição entre o esclarecimento e o não esclarecimento, que se opõe ao estado de tutelado, daquele que estaria sob a tutela de alguém. A falta de Esclarecimento seria justamente a covardia, a falta de coragem. Esta é a divisa entre o homem esclarecido e o não esclarecido. Assim, a minoridade, o apoucamento do homem é de sua total responsabilidade, visto que sua minoridade não decorre da falta de entendimento seja em função da ordem de aquisição de conhecimentos, seja em função da ordem de impedimentos biológicos. A questão é, justamente, a falta de resolução e coragem para se atribuir a si mesmo a tutela do pensar. Pensar por si mesmo significa ter a liberdade de pensar com autonomia.

Ao contrário, o homem que outorga a outrem a tarefa de pensar e decidir sobre sua própria existência é aquele homem que está, em sua situação, sob a regência da minoridade. Kant reflete e nos adverte, exemplificando em seu texto, sobre as variadas possibilidades de encontrar na sociedade os *tutores oficiais* aos quais o homem da minoridade confere o poder e a tarefa de

pensar. Porém, Kant em nenhum instante associa a atividade de pensar a uma instância institucional ou a uma função específica exercida pelo homem, dentro da estrutura social de um povo. Ele não atribui exclusividade, nem ao filósofo, nem ao príncipe, nem ao padre nem ao médico, por exemplo, a tarefa de pensar e/ou de esclarecer o povo<sup>30</sup>. Todos sem exceção devem exercer esta liberdade; todos devem fazer uso *público* de sua razão. Aqui não é confiada exclusivamente ao filósofo a tarefa de pensar: todos devem exercer este direito, que é também um dever.

O que Kant chama de *uso público da razão*<sup>31</sup> não se refere imediatamente a uma noção institucional. *Öffentlich* é um adjetivo que indica aquilo que possui caráter de público, o que é de conhecimento comum, aquilo que é notório. *Öffentlich* está intimamente associado ao verbo *öffnen*, que significa abrir e destampar. Desta maneira, *öffentlich* possui o sentido daquilo que é aberto no mundo de um povo, é a dimensão pública do exercício de existir do homem, numa dada sociedade.

O uso público da razão remonta, pois, a uma ética, a um *ethos*, que se encontra aberto para a manifestação livre e publicamente da dignidade humana de pensar. Aquele que usa publicamente sua razão é o sábio ou erudito (*der Gelehrter*). O sábio, para Kant, deve exercer seu dever e liberdade de uso público da razão.

Pergunta-se, então, qual será a tarefa do sábio? Sua tarefa consiste em iluminar com a razão o *ethos* público para que o povo venha a exercer sua autonomia reflexiva, e para, desta forma, deixar para trás seu estado de minoridade. O homem que se encontra nesta situação de minoridade, diz Kant, é capaz de efetuar nada além de “um *salto inseguro* por cima do fosso mais estreito que seja, pois ele não tem o hábito de uma tal liberdade de movimento”<sup>32</sup>. Assim, a postura do sábio será levar Esclarecimento e liberdade. Esta é sua função. Quando Kant se pergunta, de modo retórico se “vivemos atualmente numa época esclarecida? A resposta é: não, mas numa época de

*esclarecimento*<sup>33</sup>. O Esclarecimento é a meta a se conquista; o Esclarecimento é o termo da minoridade.

### **Um brevíssimo encontro**

Primeiramente, para considerarmos a postura de Kant em relação ao sentido existencial do filosofar, devemos dizer que há algo nesta postura iluminista que rivaliza com aquelas reflexões apresentadas anteriormente, segundo uma certa incompreensão sobre a essencialização e esforço da filosofia. Entendendo filosofia como uma atividade crítica do pensar. Há nesta postura, ambas as incompreensão. Nada mais natural, pois que esta *compreensão* do filosofar esta inteiramente integrada com a proposta iluminista da razão. Não podemos, nem de longe, ver isto como um erro.

Mas esta esperança depositada na filosofia, melhor, na razão humana, causa uma certa dissidência entre o pensamento de Heidegger e de Kant. Não que tenha a obrigação de se harmonizar. Todo casamento, todo relacionamento necessita mesmo de diferença. Apesar disso, ambos concordam com o que é fundamental. Se pusermos lado a lado o pensamento de um e de outro, conseguiremos observar o fundamental em sintonia. Qual é, pois, esse ponto de convergência? A liberdade e autonomia do homem.

Parece que Kant estivesse, talvez, por um acaso linguístico, associando a minoridade do homem ao *salto inseguro*. E a maioria? A maioria existencial do homem, operada pelo Esclarecimento, estará associada ao *salto originário*. Estaríamos cometendo anacronismo ou supervalorização de algo que nada tem que ver? Não será possível dizer. Mas é inevitável afirmar que o pensamento de Kant está, talvez inconsciente, talvez conscientemente, sendo regido pela questão fundamental: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada”<sup>34</sup>.

Tanto o Esclarecimento kantiano como o salto heideggeriano promovem o fundar da investigação, a atividade do pensar, no autofundar-se. Ambos convocam o homem para a coragem se servir de seu próprio entendimento. Mais é aí que se deve tomar um imenso cuidado: aquilo que concerne à essência do *agir*.

Quem quer, quem empenha toda a sua existência numa vontade, esse está abertamente re-solvido. A decisão nada posterga, não negaceia mas age a partir do instante e sem cessar. O estar abertamente re-solvido não consiste simplesmente em decidir-se a agir, mas é o princípio decisivo do agir, que antecipa e atravessa toda ação. Querer é estar abertamente re-solvido. A Essência, porém, dessa última reside no fato de a existência humana des-cobrir-se à iluminação do Ser e de modo algum numa potencialização do "agir". A re-ferência ao Ser, porém, é o deixar. Que todo querer se deva fundar num deixar, é algo, que causa estranheza ao intelecto.<sup>35</sup>

Há necessidade aqui de entender a atitude humana numa outra dimensão. Martin Heidegger inicia sua Carta sobre o Humanismo, tratando ainda da essência do agir:

De há muito que ainda não se pensa, com bastante decisão, a Essência do agir. Só se conhece o agir como a produção de um efeito, cuja efetividade se avalia por sua utilidade. A Essência do agir, no entanto, está em con-sumar. Con-sumar quer dizer: conduzir uma coisa ao sumo, à plenitude de sua Essência. [...]

Por isso, em sentido próprio, só pode ser con-sumado o que já é. Ora, o que é antes de tudo, é o Ser. O pensamento con-suma a referência do Ser à Essência do homem. Não a produz nem a efetua. O pensamento apenas a restitui ao Ser, como algo que lhe foi entregue pelo próprio Ser.<sup>36</sup>

Esta fala nos impõe a tarefa de conduzir, neste caso o homem, à sua essência, a ação do sábio/filósofo, então, será dirigida pelo ímpeto de levar ao sumo, à essência, o próprio homem, restituindo a nossa referência ao Ser.

Naturalmente muitos textos, tanto de Heidegger como de Kant, não entraram em discussão neste pequeno artigo sobre o sentido da filosofia. Tampouco

foram mencionadas referências de outros importantes filósofos da história do ocidente, que participaram e que mereceriam ser mencionados em tão grave discussão. Aqui ficou apenas um pequeno e humilde convite a se refletir sobre um encontro que trouxe à tona a função e, mais propriamente, o sentido do filosofar, do pensar. Por outro lado, se pensar fosse sempre fazer menção aos que já pensaram, não seria, então pensar, mas historiografar a história filosófica desenvolvida no ocidente. Como estaremos, então, para concluir, encaminhados, destinados à restituição de nossa referência ao Ser, já que esta é a questão que sempre esteve aqui em pauta; sendo esta a mais digna de todas as questões? Sapere aude! Coragem, pois, para o salto.

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HEIDEGGER, Martin. A questão fundamental da Metafísica. In: *Introdução à Metafísica*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

\_\_\_\_\_. Die Grundfrage der Metaphysik. In: *Gesamtausgabe: Einführung in die Metaphysik*. Band 40. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1983.

\_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974.

KANT, Immanuel. “Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?”. In: *Textos seletos*. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. *Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?* Disponível no endereço: <<http://www.uni-potsdam.de/u/philosophie/texte/kant/aufklaer.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2011.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

---

<sup>1</sup> **Fábio Galera** é licenciado em Letras (UNESA), graduando em Filosofia (UFRJ), especialista em Literatura Infante-juvenil (UNESA), mestre em Ciência da Literatura (Poética - UFRJ), e professor de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da Fundação Técnico Educacional Souza Marques. E-mail: fabiogalera@ufrj.br.

<sup>2</sup> Albert-Ludwigs-Universität Freiburg, Im Breisgau.

<sup>3</sup> Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung?.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. A questão fundamental da Metafísica. In: *Introdução à Metafísica*. Tradução de Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987, p. 39.

<sup>5</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 39.

<sup>6</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 39.

<sup>7</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 39.

<sup>8</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 40.

<sup>9</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 40.

<sup>10</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 41.

<sup>11</sup> A palavra revolucionário aqui deve ser devidamente entendida. Para que não haja possibilidade de uma interpretação equivocada, reproduziremos a nota do tradutor. “REVOLUCIONÁRIOS=UNSETZENDE: Essa tradução só corresponde se se toma como “revolucionário” no sentido etimológico da palavra: aquele que instaura originariamente uma situação da existência, revolvendo a situação dada.

<sup>12</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 40.

<sup>13</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 41.

<sup>14</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 41.

<sup>15</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 42.

<sup>16</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 33.

<sup>17</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 37.

<sup>18</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 33.

<sup>19</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 34.

<sup>20</sup> Apresentamos aqui de modo muito reduzido a dignidade da questão. Para uma compreensão mais decisiva e clara de sua complexidade, recomendamos uma meditação mais cuidadosa do texto em questão.

<sup>21</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 33.

<sup>22</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 37.

<sup>23</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 37.

<sup>24</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 40.

<sup>25</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 35.

<sup>26</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 35.

<sup>27</sup> Aqui a palavra será traduzida por Esclarecimento, com o intuito de evitar a demarcação histórica de seu contexto em relação ao Iluminismo.

<sup>28</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 534.

<sup>29</sup> KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é o esclarecimento?*. 2011.

<sup>30</sup> É possível identificar esta crença em muitos pontos da história da filosofia. Em particular destacamos a razão iluminista que orienta as reflexões de Platão na Alegoria da Caverna, no Livro VII da República. Pode-se identificar a atitude do escravo liberto, que sai da caverna e volta para tentar libertar os outros escravos, com a função esclarecedora do filósofo/esclarecido.

<sup>31</sup> §5. “*Der öffentliche Gebrauch seiner Vernunft* “. KANT. 2011.

<sup>32</sup> §3. “*Wer sie auch abwürfe, würde dennoch auch über den schmalesten Graben einer nur unsicheren Sprung tun, weil er zu dergleichen freier Bewegung nicht gewöhnt ist.* KANT. 2011.

<sup>33</sup> §7. KANT. 2011.

<sup>34</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 33.

<sup>35</sup> HEIDEGGER. 1987. p. 50-51.

<sup>36</sup> HEIDEGGER, Martin. *Sobre o humanismo*. Introdução, tradução e notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1974. p. 24.